



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PPLIN – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
EDITAL 2019.1 – MESTRADO ACADÊMICO
ESTUDOS LITERÁRIOS

PROVA DE CONHECIMENTO ESPECÍFICO

DATA: 14 DE FEVEREIRO DE 2019

HORÁRIO: 9H ÀS 12H

Nº de inscrição do[a] candidato[a]: _____

O presente instrumento de avaliação visa a selecionar/classificar candidatos que, através de suas respostas/seus textos, apresentem as seguintes características: reflexão teórica, capacidade de exposição escrita através da produção de texto coeso e coerente e capacidade de síntese.

INSTRUÇÕES:

- 1) Para fazer a prova escrita sobre conhecimento específico, o candidato usará este caderno de prova e as folhas CARIMBADAS que o acompanham.
- 2) O candidato deverá verificar, no caderno de prova, se: (i) a sequência de questões está correta; (ii) há imperfeições gráficas que possam causar dúvidas.
- 3) Qualquer irregularidade constatada deverá ser imediatamente comunicada à Comissão de Seleção.
- 4) Não será permitida a troca de material entre os candidatos e a consulta a equipamentos eletrônicos, tais como computadores, tablets, telefones celulares etc.
- 5) Esta prova consta de 4 (quatro) questões, dentre as quais 1 (uma) questão geral e obrigatória e 3 (três) questões específicas, das quais o candidato deverá escolher 1 (uma) para responder.
- 6) A questão geral e obrigatória possui valor de 5,0 (cinco) pontos. A questão específica vale 5,0 (cinco) pontos.
- 7) É expressamente proibido ao candidato responder a mais questões do que o especificado nos itens (5) e (6).
- 8) As respostas às questões da prova escrita deverão ser redigidas em língua portuguesa, com caneta esferográfica de tinta azul ou preta.
- 9) Ao transcrever as respostas às questões na folha de resposta, o candidato deverá identificar o número da questão a que está respondendo.
- 10) Este caderno de prova não será substituído, nem serão fornecidas folhas adicionais.
- 11) A interpretação das questões é parte integrante da prova, não sendo permitidas perguntas aos fiscais.
- 12) Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar à Comissão de Seleção o caderno de prova completo, incluindo as folhas utilizadas para rascunho.
- 13) A prova terá a duração mínima de 1 (uma) hora e máxima de 3 (três) horas.
- 14) O candidato não deve se identificar em qualquer página do caderno de prova.
- 15) Os 3 (três) últimos candidatos da sala somente poderão entregar as respectivas provas e retirar-se do local simultaneamente.
- 16) O descumprimento de uma ou mais normas especificadas nesta instrução de prova e/ou no edital de seleção anulará a prova, e o candidato será eliminado do processo seletivo.

[1] QUESTÃO OBRIGATÓRIA:

1. Em *Teoria da Literatura*, Terry Eagleton (Trad. Waltensir Dutra. 6a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 16) afirma que “não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa em si, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. ‘Valor’ é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos se à luz de determinados objetivos. Assim, é possível que, ocorrendo uma transformação bastante profunda em nossa história, possamos no futuro produzir uma sociedade incapaz de atribuir qualquer valor a Shakespeare”. Para Antoine Compagnon (*O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 227), “um mesmo critério de valor [...] preside, em geral, à distinção dos textos literários e textos não literários, e à classificação dos textos literários entre si”. Walter Benjamin, por sua vez, afirma que “A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. [...] Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores”, e, mais adiante, comenta que “O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.” (“Sobre o conceito da história”, in: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 223-224). Considerando essas três citações e os versos do “Manifesto da antropofagia periférica”, de Sérgio Vaz (VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011, p. 50), discorra sobre o estabelecimento do cânone literário e a posição da crítica em relação à literatura periférica.

Manifesto da antropofagia periférica

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

[2] QUESTÕES ESPECÍFICAS (ESCOLHER SOMENTE UMA):

2. Segundo Compagnon (*O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 222), “[...] A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura. A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem, pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico. Sem consciência desse engajamento, a história é somente uma projeção ideológica”. Por sua vez, Eagleton, na introdução à *Teoria da literatura: uma introdução* (São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 2), afirma que “a distinção entre fato e ficção [...] não nos parece ser muito útil, e uma das razões para isso é que a própria distinção é muitas vezes questionável [...] e faz a seguinte indagação: “O fato de a literatura ser a escrita ‘criativa’ ou ‘imaginativa’ implicaria serem a história, a filosofia e as ciências naturais não criativas e destituídas de imaginação?” (EAGLETON, 2006, p. 3).

Considerando os posicionamentos dos autores citados e, se possível, referindo-se a uma obra literária, discuta os limites entre fato e ficção.

3. No capítulo “Introdução”, de *Teoria da Literatura*, Terry Eagleton (Trad. Waltensir Dutra. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 19) afirma que “O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses - e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira - poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos. Pode acontecer, é claro, que ainda conservemos muitas das preocupações inerentes à da própria obra, mas pode ocorrer também que não estejamos valorizando exatamente a “mesma” obra, embora assim nos pareça”. O autor acrescenta, ainda, que “todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há escritura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis”. Tendo em vista essas considerações, discorra sobre a posição de Eagleton quanto à instabilidade do ato de classificar algo como literatura e o modo como os critérios de inclusão e exclusão são estabelecidos e, em seguida, estabeleça relações com o poema abaixo, de Manuel Bandeira (do livro *Libertinagem*, de 1930):

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

4. Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 9) argumenta que “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Considerando as discussões empreendidas por Hall na obra citada, discorra criticamente sobre o que o autor denomina crise de identidade e como ela afeta não apenas a produção literária, mas também o modo de recepção da literatura.